

“O Futuro que Teremos”

Caríssimos leitores,

Neste último dia da **Rio+20**, o destaque foi o encontro entre os representantes da **Cúpula dos Povos** com o **Secretário Geral da Onu – Ban Kin-Moon** ocorrido nesta manhã. Reunida desde o dia 15.06.2012 no aterro do Flamengo, a cúpula, organizada em trinta e três facções da sociedade civil do mundo todo, sintetizou os anseios em uma **Carta dos Povos** e a confrontou com o Rascunho ‘0’ (apresentado na terça-feira (19) pelos delegados dos 193 países filiados a ONU para apreciação e deliberado pelos Chefes de Estado hoje).

Vale lembrar que o objetivo da conferência é a produção da **Declaração dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**, e, por justamente não fixar estes objetivos e, principalmente, a forma de como se buscar e perseguir este sonhado desenvolvimento sustentável, é que o Rascunho ‘0’ foi tão criticado pela cúpula, tanto que solicitou-se a retirada do texto onde se afirma que o mesmo foi produzido com ampla participação da sociedade civil organizada, o que não aconteceu, e encerraram o encontro entregando ao Secretário da ONU um documento intitulado de **‘A Rio+20 Que não Queremos’**, como último esforço para tentar alterar o texto final da **‘Declaração do Futuro que Queremos’**, o que resultou em vão.

E assim, resumimos os resultados da **Rio+20 – Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável** – expostas na **Declaração ‘O Futuro que Queremos’**, através do quadro abaixo:

O QUE VINHA SENDO NEGOCIADO	COMO FICOU O TEXTO FINAL
CBDR – sigla em inglês para Responsabilidades Comuns Mas Diferenciadas , princípio que norteia as negociações de desenvolvimento sustentável. O princípio oficializa que se espera dos países ricos maior empenho financeiro para implementação de ações, pelo fato de virem degradando o ambiente há mais tempo e de forma mais intensa.	Havia rumores de que os países ricos queriam tirar esse princípio do texto, mas ele permaneceu. A permanência do princípio é uma vitória por que sua retirada significaria retrocesso, mas não pode ser considerado avanço .
Fortalecimento do Pnuma cogitava-se transformar o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente em uma instituição com status de agência da ONU, como é a FAO (de Alimentação).	O texto prevê fortalecimento do Pnuma, mas não especifica exatamente como. O assunto deve ser resolvido na Assembleia Geral da ONU em setembro. Avançou

	mas não deliberou.
Oceanos – Era uma das áreas em que se esperava mais avanço nas negociações, porque as águas internacionais carecem de regulamentação entre os países.	A negociação avançou e o texto adota um novo instrumento internacional sob a Convenção da ONU sobre os Direitos do Mar (Unclos), para uso sustentável da biodiversidade e conservação em alto mar.
Meios de Implementação – questão-chave para os países com menos recursos, significa na prática o dinheiro para ações de desenvolvimento sustentável. Os países pobres propuseram a criação de um fundo de US\$ 30 bilhões/ano a ser financiado pelos ricos.	Avançou pouco. O fundo de US\$ 30 bilhões não virou realidade. “A crise influenciou a Rio+20”, admitiu o embaixador brasileiro André Corrêa do Lago.
ODS – Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, metas a serem perseguidas pelos países para avançar ambiental, política e socialmente, eram uma das grandes cartadas para a Rio+20.	Os objetivos não foram definidos. Inicia-se apenas um processo para rascunhar quais devem ser as metas até 2013. Elas então devem ser definidas para entrarem em vigor em 2015, quando terminam os Objetivos do Milênio. Não avançou.

Em meio a este desfecho não desejado, a MarketPlace reservou dois horários para a minha palestra de hoje, cujo tema foi: “**ENERGIA, CERNE DO DILEMA**”, onde foi mostrado que o grande desafio da humanidade está na produção de energia que sustente os processos industriais daquilo que consumimos, especialmente, alimentos e produtos de primeira necessidade, sem que esta energia agrave o aquecimento global e interfira no clima, de quem dependemos justamente para produção de alimentos, portanto, um sistema cíclico e interdependente, onde devemos substituir os modelos de produção de energia poluente derivados de combustíveis fósseis por modelos de energias renováveis, como o aproveitamento de resíduos orgânicos, que além de impedir a emissão de gases do efeito estufa, ainda gera uma energia não poluente, o Biogás.

E, neste sentido, não há região mais apta que Mato Grosso pelo resíduo agropecuário que produz. Mas foi falado também da aptidão de Mato Grosso para a geração de energia Geothermal; Fotovoltaica e Biodiesel como fontes alternativas sustentáveis. Ao final, afirmamos ainda que o maior dissipador natural de energia do planeta são as florestas, que, ao lado de modelos alternativos de geração de energia elétrica, formam a base para uma produção sustentável no planeta.

Deixo o Rio de Janeiro certo de que a humanidade não encontrou um consenso político face aos cenários catastróficos apontados pela ciência, contudo, estou certo também que o próprio homem fará seu caminho, independentemente, das leis gerais, pois não há lei maior que as internas que emergem de nossas consciências... Afinal, nós decidimos se consumimos diesel ou álcool; se nos alimentamos com comidas orgânicas ou industrializadas; se neutralizamos ou não a nossa própria poluição... São estas decisões do dia a dia que forçarão, pela mola econômica, a mudança para o FUTURO QUE QUEREMOS!

Ewerson Duarte da Costa

Professor Universitário, Membro do Conselho Científico do Pró-Natura International, Diretor da EDCO2

Conferencista na Rio+20